

MEDIOEVO Y LITERATURA

Actas del V Congreso de la Asociación
Hispánica de Literatura Medieval

(Granada, 27 septiembre - 1 octubre 1993)

Volumen II

Edición de Juan Paredes

GRANADA
1995

© ANÓNIMAS Y COLECTIVAS.

© UNIVERSIDAD DE GRANADA.

MEDIOEVO Y LITERATURA.

ISBN: 84-338-2023-0. (Obra completa).

ISBN: 84-338-2024-9. (Tomo I).

ISBN: 84-338-2025-7. (Tomo II).

ISBN: 84-338-2026-5. (Tomo III).

ISBN: 84-338-2027-3. (Tomo IV).

Depósito legal: GR/232-1995.

Edita e imprime: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada. Campus Universitario de Cartuja. Granada.

Printed in Spain

Impreso en España

Ai, amor, amore de Pero Cantone, de Fernan Soarez de Quinhones¹

De Fernan Soarez de Quinhones², trovador leonês activo no terceiro quartel do século XIII, subsistem cinco textos, transmitidos apenas pelo Cancioneiro da Biblioteca Nacional. O primeiro, cujo *incipit* é *Ai, amor, amore de Pero Cantone* (B 1553), apresenta várias particularidades, sendo de destacar o estrofismo zejelesco, raro na lírica profana galego-portuguesa, a presença, igualmente pouco vulgar, de <e> paragógico, a referência a indivíduos de identificação problemática.

Um ponto em que quase todos os comentadores parecem estar de acordo é o de esta cantiga ter por tema o amor. Foi esse o sentido geral da nota interpretativa de Rodrigues Lapa, formulada pela primeira vez em 1965, quando saiu a edição das *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses* e mantida na íntegra cinco anos mais tarde aquando da sua reedição. A opinião de Lapa foi seguida por Mário Martins, por Antonio Pichel, pelo investigador brasileiro João Santana Neto e por mim, entre outros³. Contra o parecer

1. O tema desta comunicação foi proposto pela Prof^a. Elsa Gonçalves, que orientou a minha dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa, *As cantigas de Fernan Soarez de Quinhones*, edição crítica com introdução, notas e glossário, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1992 (policopiada). A segunda parte desta comunicação beneficiou de sugestões do Dr. Mário Viana, que tem em preparação uma tese de Mestrado em História, *Os vinhedos medievais de Santarém*, orientada pela Prof^a. Iria Gonçalves.

2. Notícia biográfica em António Resende de OLIVEIRA, *Depois do espectáculo trovadoresco. A estrutura dos cancioneiros peninsulares e as recolhas dos séculos XIII e XIV*, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Dissertação de Doutoramento em História, policopiada), pp. 474-475; João Dionísio, *op. cit.*, pp. 14-23.

3. LAPA, M. Rodrigues, *Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses* [a partir de agora CEM], s.l., Galaxia, 1970, p. 225 (ed. 1965, p. 223); MARTINS, M. *A Sátira na Literatura Medieval Portuguesa (Séculos XIII e XIV)*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1986 (1^a ed., 1977), pp. 52-53; PICHEL, A. *Ficción Poética e Vocabulario Feudal na Lírica Trovadoresca Galego-Portuguesa*, La Coruña, Diputación Provincial, s.d., p. 139; João Antonio de Santana Neto, *As Cantigas de Fernan Soarez de Quinhones (subsídios para uma edição crítica)*, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1990 (Dissertação de Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa, policopiada), pp. 31-43; DIONÍSIO, J., *op. cit.*, pp. 40-49 e 115-143.

corrente de que a cantiga trata do amor, Filgueira Valverde propôs abordagem diferente⁴, que não teve oportunidade de comentar no primeiro trabalho sobre o trovador leonês. É uma falta que tenciono colmatar com esta intervenção pela qual tentarei esclarecer o tema de *Ai, amor, amore de Pero Cantone*.

Começando pela interpretação permitida pela nota de Lapa, ela foi obviamente sensível ao excepcional número de ocorrências do termo *amor* na cantiga: incluída a forma paragógica, são 27 das quais 18 aparecem reunidas no refrão. Também os campos semânticos de alguns qualificativos usados para caracterizar o amor de Pero Canton permitem esta leitura. Por exemplo, apesar de o adjetivo *saboroso* (no refrão) fazer parte do vocabulário alimentar, não é estranho encontrarmos o substantivo correspondente (*sabor*) em contextos onde o amor físico está em causa. Na *Razón de Amor*, quando ocorre o envolvimento entre a dona e o clérigo, pode ler-se:

*Tolios el manto de los o[n]bros,
besome-la-boca e por los oios;
tan gran sabor de mi auia,
sol-fablar non me-podia*⁵.

No mesmo sentido, e num excerto ainda mais elucidativo retirado das *Vidas e Paixões dos Apóstolos*, quando algum dos *tafues* ou *garções* se aproxima de Trofina com intenções reprováveis, ela coloca no peito uma carta que lhe dera Santo André onde se lia um Evangelho. Diz então o texto que *logo aquel mao garçom perdia toda a força do seu sabor*⁶.

Quanto ao qualificativo *viçoso* (v.3), se bem que ele se relacione preferencialmente com o campo sémico dos vegetais, o substantivo correspondente (*viço*) consta do *Leal Conselheiro* com um sentido bastante humano: *A voontade carnal deseja viço, folgança do corpo e cuidado, arredandosse de todo perigo, despesa e trabalho*. E para que não restem dúvidas, mais adiante no seu tratado, D. Duarte

4. Em dois dos *Estudios sobre lírica medieval. Trabajos dispersos (1925-1987)*, em particular nas pp. 127 e 142-143. São eles “Xantares nos cancioneros” (extraído de *Homenaje a Pedro Sainz Rodríguez*, Madrid, 1986) e “Sobre os nomes da ebriedade e mais do tema do viño nas nosas letras do medieuo” (comunicação ao *Symposium Internacional sobre alcoholismo y toxicomanías en la gente del mar*, publicada pela primera vez nas *Actas*, em 1988).

5. Cfr. ed. de MENÉNDEZ PIDAL, R. “Razón de Amor con los donuestos del agua y el vino”, *Revue Hispanique*, t. 13, 1905, p. 613, vv. 126-129.

6. Cfr. BRIHUEGA, B. de., *Vidas e Paixões dos Apóstolos*, vol. II, edição crítica e estudo por VILARES CEPEDA, I., Lisboa, INIC, 1989, p. 195.

alude ao facto de *o vyço seer sempre acompanhado com vycio*⁷. A este respeito, assume particular interesse a Cantiga de Santa Maria 195, uma vez que nela se associam (no feminino) os qualificativos *saboroso* e *viçoso*, esclarecendo-se assim o eventual teor do vício: *e que averia / noite mui viçosa, / se con ela albergasse, / e mui saborosa*⁸. Este seria, de resto, apenas um dos vários pontos de contacto entre as cantigas de Fernan Soarez e a produção textual a que está ligado Afonso X. Outro ponto seria encontrado no facto de esta leitura assaz física do amor cantado por Fernan Soarez poder ter confirmação através do qualificativo *delgado* (v.9). Com efeito, ele aparece na cantiga de Afonso X *Joan Rodríguez foi osmar a Balteira* aplicado ao órgão sexual masculino: *e, por que é grossa, non vos seja mal, / ca delgada pera gata ren non val*⁹.

Prosseguindo com a influência do Rei Sábio sobre o trovador leonês, importa destacar a palavra *frio* (v.9), cujo ajustamento ao que tenho vindo a expor pode observar-se na Cantiga de Santa Maria 336: *o cavaleiro que ante con gran luxuri' ardia / tornou mais frio ca neve, nos miragres lo leemos*¹⁰. E numa das *Partidas* de Afonso X, a IV, aborda-se a *frieza* como uma das razões admissíveis legalmente para o fim do matrimónio: *Frio seyendo algunt home naturalmiente de manera que non podiese yacer con muger, si acaesciese que casase et se querellase alguno dellos ante el juez de santa elesia deciendo que los departan por razon de tal embargo, débeles dar plazo de tres años, et tomar la jura dellos (...)*¹¹.

Mas nem todos os qualificativos remetem para o aspecto físico da relação amorosa, embora possam dizer respeito ao amor.

Assim, *pontoso* (v.15), segundo Lapa, tem o sentido de 'fino, agudo, delicado'¹². De acordo com o *Grande Dicionário* de Morais, *pontoso* designa o indivíduo 'escrupuloso em pontos de honra; pundonoroso, brioso'¹³. Em matéria de étimos e abonações, José Pedro Machado faz derivar este qualificativo de *ponto* e atesta-o pela primeira vez na écloga *Encantamento*, de Sá de Miranda¹⁴, mas a sua

7. *Leal Conselheiro o qual fez Dom Eduarte*, edição crítica e anotada organizada por PIEL, J.M., Lisboa, Bertrand, 1942 [a partir de agora LC], p. 15, 11.2-4 e p. 100, 1.19.

8. AFONSO X, o SÁBIO, *Cantigas de Santa María*, editadas por W. METTMANN, [a partir de agora CSM], vol. II, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1961, p. 240, vv.34-37.

9. CEM, p. 18, cantiga 11, vv.18-19.

10. CSM, vol. III, 1964, p. 214, vv.58-59.

11. *Las Siete Partidas* del Rey Alfonso El Sabio cotejadas con varios codices antiguos, por la Real Academia de la Historia, Madrid, Imprenta Real, 1807, tomo III, título VIII, lei VI, p. 45.

12. CEM, p. 226

13. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, vol. VIII, 10ª. ed., Lisboa, Confluência, 1955. p. 499.

14. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, vol. IV, Lisboa, Livros Horizonte, p. 400.

observação é contrariada pela cantiga de Fernan Soarez, a única no conjunto da lírica galego-portuguesa onde figura o termo. Já fora do enquadramento trovadoresco, o adjectivo em apreço encontra-se num texto da antiga lírica popular hispânica recolhido por Margit Frenk: *Ay, Amor, cómo soys puntoso!, / la dargadandeta*¹⁵.

Passando das palavras para os seus referentes, note-se que todos os indivíduos mencionados na cantiga são de identificação problemática. Mas o primeiro, designado por Chorrichão (v.5), talvez tenha sido identificado, o que contribui para o entendimento do texto. Deve tratar-se de Gonçalo Fernandes, da terceira geração dos Chorrichãos, que contraiu matrimónio por três vezes: primeiro casou com dona Sancha Anes de Monte Negro, de quem teve um filho; depois com Rica Fernandez, da qual teve dois filhos; finalmente, desposou Sancha Fernandez d'Orzelhom, de quem teve doze filhos. Em ano indeterminado, Gonçalo Fernandes *rouçou* Sancha Rodriguez, ainda moça de *criação* e com ela viveu até que a oposição do arcebispo e de outros o levaram a casar a rapariga com o seu primeiro filho, Fernam Gonçalves Chorrichão, dito Farroupim¹⁶. Em função destes dados, os indivíduos que começam por ser referidos (Chorrichão e Martin Gonçalves d'Orzelhom) constituiriam emblemas do amor forte e fecundo, em oposição ao de Pero Canton.

Se bem que o conjunto destes elementos leve a pensar que a cantiga de Fernan Soarez é sobre o amor, vários passos do texto dificilmente consentem esse assunto. De tal modo que a paráfrase da cantiga, a ser perspectivada assim, mostra-se parcialmente inverosímil.

Como foi dito no início deste trabalho, Filgueira Valverde sugere interpretação distinta da que acabei de apresentar e isto por ver no vocábulo *amor* uma «palavra cuberta»¹⁷ com o significado 'vinho'. Mas não fornece nenhum argumento para justificar a sua leitura ou para pôr em causa a opinião mais generalizada sobre o texto. Por isso procurarei desenvolver a observação deste estudioso galego e destacar alguns aspectos da cantiga que a apoiam.

Parte importante do vocabulário, tomado no seu sentido literal, mais facilmente tem a ver com o vinho do que com o amor, como se vê pelas palavras do campo semântico alimentar (*saboroso, gostades, provades*, entre outras).

O v.4, *Queno podesse teer até o v(e)rão* e o v.10, *non creo que dur(e) até o (e)stio* recordam a circunstância de os vinhos medievais não se conservarem

15. FRENK, M., *Corpus de la antigua lírica popular hispánica (sèc. XV a XVI)*, Madrid, Castalia, 1987, p. 25.

16. *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, edição crítica por J. MATTOSO, volume II/2, Lisboa, Academia das Ciências, 1980, 74D3 a F4, pp. 174-176.

17. D'HEUR, J.M. "L'Art de Trouver du chansonnier Colocci-Brancuti. Édition et analyse", *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1975, vol. IX, pp. 326-327.

facilmente, havendo alguns que depressa ficavam impróprios para consumo. Yves Renouard especifica que começavam a azedar ao fim de seis meses, tornando-se, a partir da Primavera, cada vez menos bebíveis até que, em Maio, deixava de haver vinhos. Uma referência sintomática desta efemeridade encontra-se num documento de 1391 publicado por Humberto Baquero Moreno onde se diz acerca dos vinhos vermelhos de cepas coimbrãs *que se nom teem despois que ssom colheitos que 3 meses*¹⁸.

Neste contexto, vale a pena determo-nos um pouco no v.12 da cantiga de Fernan Soarez, *que se botou a pouca de sazone*. Lapa dá ao verbo *botar* o sentido ‘deitar fora’, no que é apoiado pelo *Tentative Dictionary of Medieval Spanish* e pelos capítulos especiais de Torres Novas das Cortes de Elvas de 1361¹⁹. Aquele dicionário fornece os equivalentes ‘embotar’, ‘debilitar’ a partir da *Vida de Santo Domingo de Silos*, de Berceo e o artigo 4.º dos capítulos referidos alude a uns vinhos que *se azedam e botam per tal guisa que nom ham delles prol*. Para completar o entendimento do verso é útil lembrar a cantiga de Johan Ayras de Santiago *O voss’ amig’ á de vós gram pavor*²⁰. O v.9 deste texto, *saberedes a pouca de sazón*, aconselha, como me fez notar Elsa Gonçalves, a compreender a locução temporal *a pouca de sazone* num sentido durativo. O verso parafraseado seria portanto: o vinho que se estragou em pouco tempo.

Fica por saber se o vinho de que fala o texto de Fernan Soarez se teria *botado* por ter azedado naturalmente ou antes por uma feitura já na época considerada inadequada.

Para responder a esta pergunta, convém analisar atentamente o último qualificativo usado na estrofe conclusiva para caracterizar o vinho, isto é, *pungente*. Podendo ter o significado ‘que nasce’, ‘que desponta’²¹ e por isso caracterizar o vinho novo²², o contexto em que *pungente* aparece na cantiga de Fernan Soarez

18. Cfr. Iria GONÇALVES, *O património do Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIII e XIV*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, pp. 83-84.

19. *Tentative Dictionary of Medieval Spanish*, compiled by R.S. BOGGS, L. KASTEN, H. KENISTON e H.B. RICHARDSON, Chapel Hill, North Carolina, USA, 1946, vol. I, p. 81; *Cortes Portuguesas. Reinado de D. Pedro I (1357-1367)*, edição preparada por A.H. de OLIVEIRA MARQUES e N. J. PIZARRO PINTO DIAS e transcrições de N. J. PIZARRO PINTO DIAS e T. M. FERREIRA RODRIGUES, Lisboa, INIC, 1986, p. 124.

20. RODRÍGUEZ, J.L. *El Cancionero de Joan Airas de Santiago*, edición y estudio, Verba, anuario galego de filoxia, Anexo 12, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, 1980, XXXV, p. 176.

21. COROMINAS, J., e PASCUAL, J.A., *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*, Madrid, Gredos, 1981, vol. IV, p. 695.

22. Nessa aceção deve ser entendido o correspondente francês de *pungente* que figura em *Il me convient renvoisier*, canção anónima do séc. XIII: *Vins poignanz et bons rapiaux et venoisans*. Este verso pertence a um conjunto rejeitado pelos editores A. JEANROY e A. LANGFORS, *Chansons satiriques et bachiques du XIIIe siècle*, Paris, Honoré Champion, 1921, pp. 76-77 e 128-129.

sugere que se busque outro sentido. Ora, *pungente* também significa ‘que pica’ e o substantivo que lhe corresponde, *pongimento*, consta com esse sentido de uma lista de nove sabores que aparece no apócrifo aristotélico *Segredo dos Segredos*. Comparecem na lista: *dolcura amargor salgado E temperado E azedo E sen sabor E pongimento E secura E agudeza*²³. Repare-se que neste elenco de sabores *pongimento* não se confunde com *azedo*, o que parece diminuir a hipótese de o amor de Pero Canton se ter estragado por azedamento.

Marsilla Arroza, ao abordar no seu tratado de enologia uma doença chamada *picado* ou *repunte* ou *avinagramento*, ajuda a dar ao qualificativo um significado mais coerente com o resto da cantiga. São os vinhos jovens os mais sujeitos ao mal do *picado*, que é frequentemente causado por oxidação do álcool, resultante de contacto indevido com o ar, e por má fermentação. Ora, o «amor» de Pero Canton aproxima-se significativamente deste perfil: é dito *viçoso*, pelo que deve tratar-se de um vinho novo; é dito *sen-tapone*, ou seja, sem rolha para vedar a boca das pipas, o que permite a entrada do ar no recipiente e, deste modo, precipita a deterioração do vinho. Mais especulativo é ligar o desejo de que o amor de Pero Canton fique em *remordente*, palavra que continua a suscitar-me dúvidas severas, com a necessidade de ele ter uma fermentação adequada. Se esta hipótese tiver algum crédito, como a fermentação faz desaparecer a maior parte do açúcar contido no mosto e o substitui pelo álcool, ajudando assim à conservação do vinho²⁴, não admira que o amor de Pero Canton dure pouco e seja delgado.

Com efeito, no capítulo do *Leal Conselheiro* sobre o pecado da gula, D. Duarte recomenda que se beba *vynho o mais do tempo com duas partes daugua. E que seja delgado, (...)*, adjectivo explicado por Piel como *fraco, pouco alcoólico*²⁵. Aliás, no v.9, a ditologia composta por *delgado* e *frio* tem carácter sinonímico porque o segundo qualificativo, conforme escreve Esteves Gonçalves²⁶, aplica-se ao vinho que não é muito alcoólico.

O texto também parece aludir à conveniência de o vinho de Pero Canton estagiar, mais do que terá acontecido na realidade, antes de se proceder à sua venda e consumo. Para este sentido remetem os vv. 22-24 com a alusão ao soterramento, que pode significar ‘em repouso’ ou, mais particularmente, ‘con-

23. Pseudo-Aristóteles, *Segredo dos Segredos*, tradução portuguesa, segundo um manuscrito inédito do séc. XV, ed. de A. MOREIRA DE SÁ, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1960, pp. 65-66. Os dois sentidos de *pungente* são conciliáveis se o qualificativo designar o gosto áspero e acre característico do vinho novo (cfr. D.V. VERA, *Tratado de Fabricación de vinos de todas clases*, Madrid, Hijos de Cuesta, p. 313).

24. BUENAVENTURA CASTELLET, *Enología Española o tratado sobre los vinos de España y su bonificación*, Barcelona, Imprenta de Gómez e Inglada, 1865, p. 137.

25. LC, p. 128.

26. GONÇALVES, F. Esteves., *Dicionário do Vinho*, s.l., s.ed. [ed. do autor?], s.d. [1986 ?], p. 68.

servação por baixo da terra'. O estágio subterrâneo é característico de alguns vinhos, como, por exemplo, o de Boticas, perto de Chaves, por isso sugestivamente chamado «vinho dos mortos». Só o soterramento por período de um ano poderia permitir que alguém lucrasse com este vinho e daí a alusão à *bõa vençone* (v.24). Diferentemente do que Lang propõe, fazendo derivar a última palavra de BENEDICTIONEM²⁷, *vençone* quer dizer 'venda' e provém de VENDITIONE²⁸. A cantiga fala portanto do vinho de Pero Canton, cuja efemeridade natural, semelhante à dos outros vinhos medievais, é agravada por deficiências de preparo que impedem a sua comercialização com lucro. Mais, a cantiga ficcionaliza a deterioração rápida do vinho no próprio tempo que demora a ser cantada e ouvida pois começa por dizer que ele é *são*, na primeira estrofe, e acaba, na estrofe conclusiva, por proclamar o seu *pungimento*.

Chegados a este ponto, depois de percorrido um caminho com algumas incertezas, percebe-se que a interpretação sugerida por Filgueira Valverde é mais verosímil do que a leitura dominante. Não quer isso dizer, porém, que não haja alguma razão no comentário desacreditado, tanto ao nível das palavras como dos seus referentes. Mas, em contrapartida, esta admissão não significa que quanto mais interpretações tiver um texto melhor. Como defende hoje o autor de *A Obra Aberta*:

um figo é um tipo de fruto assim e assado. Nenhuma teoria da recepção poderá evitar esta restrição preliminar. Toda e qualquer *liber dade* por parte do leitor só pode vir *depois* e não *antes* da aplicação desta restrição²⁹.

Para restringir, importa compreender que a cantiga de Fernan Soarez é sobre o vinho como amor. Distingue-se isto de uma cantiga sobre o vinho; distingue-se de uma cantiga sobre o amor; distingue-se de uma cantiga sobre o amor como vinho. Compreendido o tema –o vinho como amor– começam a ficar reunidas condições para que se faça o comentário integrado da cantiga, tarefa de que me ocuparei noutra sede.

João DIONÍSIO
Universidade de Lisboa

27. LANG, H.R., "The Spanish *Estríbote*, *Estrambote* and related poetic forms", *Romania*, n.º. 179-180, 1919, pp. 405 e 421.

28. GARCÍA DE DIEGO, V., *Contribución al Diccionario Hispánico Etimológico*, Revista de Filología Española, Anejo II, Madrid, 1943, p. 173.

29. ECO, U., *Os Limites da Interpretação*, Lisboa, Difel, 1992, p. 12.

- I Ai, amor, amore de Pero Cantone,
que amor tan saboros(o) e sen-tapone.
- 3 Que amor tan viçoso e tan são,
queno podesse te(e)r até o v(e)rão,
mais valria que amor de Chorrichão
- 6 nen de Martin Gonçalves d'Orzelhone.
Ai, amor, amore de Pero Cantone,
que amor tan saboros(o) e sen-tapone.
- II 9 Que amor tan delgad[o] e tan frio,
mais non creio que dur(e) até o (e)stio
ca (a)tal era outr'amor de meu tio,
- 12 que se botou a pouca de sazone.
Ai, amor, amore de Pero Cantone,
que amor tan saboros(o) e sen-tapone.
- III 15 Que amor tan pontoso, se cuidades,
fazer-vos-á chorar, se o gostades,
e semelhar-vos-á, se o provades,
- 18 amor de Don Palaio de Gordone.
Ai, amor, amore de Pero Cantone,
que amor tan saboros(o) e sen-tapone.
- IV 21 Que amor tan astros(o) e tan delgado,
queno te vess'un ano soterrado,
aque[e] fora en bon ponto nado,
- 24 que depois ouvess(e) del böa vençone.
Ai, amor, amore de Pero Cantone,
que amor tan saboros(o) e sen-tapone.
- V 27 Que amor tan astros'e tan pungente,
queno podess'aver en remordente,
mais valria que amor dun meu parente,
- 30 que mora muit'acerca de Leone.
Ai, amor, amore de Pero Cantone,
que amor tan saboros(o) e sen-tapone.